

Educação e literatura: contribuições da obra literária O Uruguai no ensino brasileiro

Education and Literature: contributions of the literary work O Uruguai in Brazilian education

Amanda da Conceição Santiago  

amanda.santiago.cr@gmail.com

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Goiás, Brasil.

Dilma Costa Nogueira Dias  

dilmacndias@gmail.com

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Goiás, Brasil.

Ulysses Rocha Filho  

ulysses_filho@ufcat.edu.br

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Goiás, Brasil.

Resumo

Nos Estudos Culturais aplicados à literatura, identificamos o contexto da época do discurso narrativo, a mitologia ressignificada, além de debates históricos sociais e culturais acerca do processo ficcional. Nesse pensar literário, elencamos a literatura para discussão e compreensão da realidade apresentada, no sentido de diálogo com debates críticos, românticos e/ou realísticos. Diante disso, apresentamos, sob a luz da importância da literatura e do viés interpretativo do livro O Uruguai: um poema épico que traz consigo a história de um período de guerra, revelando-nos traços ideológicos do autor que, apesar de ser jesuíta, exalta, em sua obra, o português Marquês de Pombal que está na luta contra indígenas e jesuítas. A disputa territorial e o colonialismo representado na obra, ainda se faz presente nos dias de hoje, levando-nos à conclusão de que as discussões sobre esses assuntos precisam ser ampliadas para que cheguemos ao ambiente escolar, visto que, as cronologias apontadas no aludido poema se fazem extremamente atuais, ainda que a história dos indígenas Caçambo e Lindoya em oposição ao jesuíta Balda sejam adaptadas à realidade brasileira do século XVIII.

Palavras-chave: O Uruguai. Letramento literário. Ensino.

Abstract

In Cultural Studies applied to literature, we identify the context of the time of the narrative discourse, the resignified mythology, as well as historical, social and cultural debates about the fictional process. In this literary way of thought, we elicit



10.23925/2318-7115.2024v45i1e64551



literature for discussion and understanding of the reality presented, in the sense of dialogue with critical, romantic and/or realistic debates. Therefore, we display, under the light of the importance of literature and the interpretative bias of the book O Uruguai: an epic poem that brings along the history of a war period, revealing to us ideological traits of the author who, despite being a Jesuit, highlights, in his work, the portuguese Marquês de Pombal, who takes part in the fight against indigenous people and Jesuits. The territorial dispute and the colonialism represented in the work are still present today, leading us to the conclusion that discussions on these subjects need to be expanded, so that we could reach the school environment, since the chronologies pointed out in the aforementioned poem are extremely current, even though the history of the indigenous people Caçambo and Lindoya, in opposition to the Jesuit Balda are adapted to the Brazilian reality of the 18th century.

Keywords: *Uruguai. Literary literacy. Teaching.*

1. Introdução

No viés dos Estudos Culturais aplicados à literatura pode-se fazer a identificação da arte e da literatura. Esse mundo em permanente movimento, ameaçador e instável, sem linha de chegada, tem sido, o lócus que faz da atividade intelectual uma fonte permanente de energia vital, na qual os praticantes dos estudos culturais não apenas embrenham-se em tarefas interpretativas, como também nas de autorreflexão.

Uma nova geração de teóricos, ao lado de praticantes largamente conhecidos, problematiza os focos que elegemos até aqui, assim como as interpretações, posições e direções que os estudos culturais têm assumido.

A interpretação das obras literárias não se extingue a partir da elucidação de um provável modelo a que as mesmas podem estar acondicionadas. Mesmo porque no chamado Arcadismo ou Neoclassicismo (1768- 1836), nem tudo é convenção.

Quanto a *O Uruguai*, ainda que certamente o poema se ligue ao ideário pombalino (adiante mencionado) e se enquadre no modelo funcional encomiástico, há no interior da epopeia toda uma complexa relação entre personagens, cenários e eixos temáticos pelos quais o enredo se desenvolve, e que transcende (em muito) o limitado modelo de explicação do “mecenasato pombalino”.

Ao propor a discussão de uma obra épica como *O Uruguai*, de Basílio da Gama, evidencia-se o contexto histórico, inserido em um discurso narrativo, discussões sociais e culturais a partir de um processo de ficção. Nesse sentido, pensar a literatura por meio dessa obra é promover

discussão significativa sobre contextos históricos¹ que sofreram apagamentos na história oficial, que precisam ser evidenciados a partir do olhar indígena, que por séculos, a narrativa dos seus ancestrais fora diminuída e por vezes, silenciada para que a história do “descobrimento do Brasil”, fosse propaganda. Esse viés único precisa ser desconstruído e os sujeitos sociais compostos na narrativa possam ter seu lugar de fala, isto é, alusão a um panorama histórico sobre as vozes que foram historicamente interrompidas.

O que sustentam tais contornos teóricos e evolução interpretativa são os preceitos dos aportes teóricos de Candido (2000, 2011), o texto literário de “*O Uruguai*”, a definição do Letramento literário de Cosson (2006), Krenak (2019, 2020), entre outros.

Ressalte-se que o poema épico retrata a expedição mista de portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas para executar as cláusulas do Tratado de Madrid, em 1756 (século XVIII). O texto literário tinha como intuito descrever o conflito entre ordenamento racional da Europa e o primitivismo do índio que, pelo Brasil, naquele século, havia se estabelecido desde os tempos primevos.

Esse poema é, também, um marco na literatura brasileira representando uma quebra com o modelo clássico do poema épico, oportunizando os debates, as discussões partindo de um breve histórico sobre os Estudos Culturais, interligados aos contextos históricos narrados na obra, a obra *O Uruguai*, a importância do letramento literário, seguido das considerações finais e referências.

Nessa perspectiva, entende-se que os debates dialogados no trabalho e levados ao ambiente escolar, a compreensão da realidade, numa visão reflexiva e crítica pode fundamentar transformações sociais fundamentais em nossa sociedade.

2. Estudos Culturais aplicados à Literatura

Os Estudos Culturais perpassam pela articulação e combinação dos fenômenos culturais que compõem e diversificam a sociedade tais como: a teoria social, o cinema, a arte, a filosofia, a crítica literária entre outros. Para a literatura, os Estudos Culturais promovem a discussão de uma diversidade de aspectos relacionados à cultura.

¹ O livro é considerado um poema épico de 1769 que tinha o objetivo de exaltar a política do Marquês de Pombal contra os jesuítas. Utilizando a Guerra Guaranítica como tema histórico, Basílio da Gama coloca a culpa do massacre indígena nos jesuítas.

De forma breve, os Estudos Culturais surgem por volta da década de 60, no século XX, na Inglaterra, tendo como teóricos Richard Hoggart, Raymond Williams, Edgar Thompson. Os Estudos Culturais surgem como uma crítica à burguesia que tinha como finalidade a apropriação de um patrimônio literário, e no livro *As utilizações da cultura: aspectos da vida rural da classe trabalhadora*, de Richard Hoggart, em 1957 possibilita as discussões críticas sobre a burguesia, mas também contempla o êxodo rural, mostrando formas de vida que fazem parte da cultura, que não eram representadas.

Como forma de registrar o cotidiano dos trabalhadores que eram desprovidos da qualificação da academia, o autor apresenta outras formas de olhar a arte, segundo a perspectiva dos trabalhadores.

Diante da riqueza dessas singularidades, os Estudos Culturais chegaram ao Brasil com um atraso, mas podemos fazer o recorte desses estudos a partir das obras *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, em 1942.

Essas obras elucidam novos marcadores históricos de pensar e repensar a cultura a partir de uma pluralidade. Nessa ideia de ressignificar soma-se Antonio Candido com a obra *Formação da literatura brasileira*.

No texto *O Direito à Literatura*, 2011, Candido (2011) já aponta isso ao teorizar que “o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens”. Esse posicionamento é tão real que tomando por base os direitos constitucionais dos cidadãos que seriam o direito à vida, à saúde, à liberdade, à igualdade, à privacidade, a educação, a informação, a alimentação adequada, seria fantástico, porém, o que mais presenciamos no contexto social e histórico porque passam as violações dos direitos dos cidadãos (seja na obra mencionada, de Basílio da Gama, ou em outras épocas e situações extremas (como por exemplo, invasão do Brasil pelos portugueses e espanhóis, a aculturação portuguesa e religiosa acerca dos povos primitivos do país ou, até, a violação do direito à vida (o que vislumbramos no período pandêmico – 2020 a 2023, ainda em curso).

Candido não queria ensinar os trabalhadores, mas sim, propor a união entre a arte e a sociedade, em um projeto de elite que visava dotar a cidade de São Paulo sendo observado por intermédio de contornos modernos. Dessa forma, a realidade de poder e implantação de limites geográficos e religiosos em plena região Sul do Brasil, ao longo dos primeiros anos de colonização,

são fatores determinantes para que um povo e/ou um país fossem subjugado ao poderio de outro(s) país(s) em busca de novos impérios. A “humanidade” implanta uma cultura sobre uma outra já, tradicional, em nome de novas formações geográficas de poder.

O autor aponta a relevância da literatura, em que pontua que a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182).

Uma outra fala de Candido (2011, p. 184) que afirma o poder humanizador da literatura é, “a capacidade de criar formas pertinentes”, em que penetra nas narrativas de vida, de denúncia, de conflitos, de traições, nas tragédias, mas também na felicidade e na busca de nossos sonhos.

De tal forma, a literatura e a arte são importantes e necessárias na vida de qualquer cidadão e a distinção entre cultura popular e cultura erudita não pode ser justificativa para preconceitos. Desse modo, uma sociedade justa precisa de que os direitos humanos sejam respeitados e o acesso à arte, a literatura aconteça para todas as esferas sociais.

Mediante a compreensão da importância de repensar a cultura em várias perspectivas aponta-se a leitura do cânone *O Uruguai*, de Basílio da Gama, partindo de outros sujeitos sociais que foram apagados na história oficial, isto é, nos livros estudados nas escolas, que traziam apenas, o olhar dos colonizadores.

Então, revisitar essa obra, partindo da perspectiva dos povos indígenas, é compreender o extermínio, o aculturamento desses povos originários que por muitos anos foram excluídos dos livros oficiais, em que apenas uma visão única era escrita.

3. Contexto da época

O Uruguai é um poema épico escrito por Basílio da Gama em 1769, conta de forma romanceada a história da disputa entre jesuítas, índios e europeus nos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Especificamente, narra a luta de espanhóis e portugueses contra os índios e jesuítas habitantes da Colônia de Sete Povos das Missões de Uruguai, que de acordo com o Tratado de Madri (1756) passaria a Portugal em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento. Entretanto, os índios apoiados pelos jesuítas se recusaram a ser súditos dos portugueses.

Logo, os elementos ideológicos da conquista de poder e da imposição de uma religião preponderante às crenças dos povos originários são reservados para as notas e enredo da

chamada epopeia brasileira, garantindo com que o poema (breve mas não tão extenso como as epopeias clássicas) seja leve e brilhante em uma versificação pura. Tal escolha revela a incapacidade épica, tornando a obra no que Candido define como uma écloga heroica, devido às três características que marcam os versos: a lírica, a heróica e a didática. Como écloga a obra se estrutura em canto dialogado entre pastores personificados pelo exército misto de Espanha e Portugal e cidadãos, personificados pelos guerreiros indígenas. O assunto do poema é a expedição mista entre portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas do Rio Grande para executar as cláusulas do Tratado de Madrid em 1756, supramencionado.

Sabemos que no território brasileiro, durante a era colonial, portugueses e espanhóis disputavam áreas de influência para praticarem seus objetivos políticos ou religiosos. Além do mais, havia um choque de interesses entre padres e latifundiários, pois ao passo que os padres queriam converter os indígenas na esfera religiosa, os latifundiários queriam utilizá-los no trabalho escravo.

O poema literário *O Uruguai*, escrito por Basílio da Gama, foi criado em meio a um cenário de guerra entre os portugueses, espanhóis e jesuítas. Esse cenário surge por meio da disputa territorial entre Portugal e Espanha, a qual foi formalizada através do Tratado de Tordesilhas, firmando os domínios entre os portugueses, que ficaram com os Estados (ou províncias) do Nordeste, e os espanhóis, com os Estados (ou províncias) do Oeste.

Contudo, os portugueses avançaram para além dos seus limites, invadindo assim o território dos espanhóis, que criaram a Colônia do Sacramento, intensificando o conflito entre as duas nações. Uma vez que

a manobra foi originalmente uma operação geopolítica para expandir as fronteiras da América portuguesa, mas o enclave se revelou economicamente importante, porque por ali começou a circular o contrabando da prata, do couro, do chifre, do sebo e da erva-mate, produtos que eram desviados dos domínios espanhóis e enviados para a Europa sem pagamento de tributos para Madri. (Golin, 2014, p. 27).

Diante do fracasso do Tratado de Tordesilhas, criaram o Tratado de Madri, com o objetivo de realizarem uma troca, em que Portugal ficaria com o território dos sete povos das nações, situado às margens do Rio Uruguai e a Espanha com a Colônia do Sacramento. Não levando em consideração a opinião do pessoal das sete nações, assim como aponta Golin em sua obra *A guerra guaraníca* (2014, p.15):

Considerando-se como únicos protagonistas na América meridional, os governos da Espanha e de Portugal não cogitaram que os missionários pudessem ter

vontade própria. Julgaram que aqueles súditos indígenas abandonariam sete dos seus povos, aceitando obedientemente, as localidades a eles destinadas na margem oeste do rio Uruguai e sul do Ibicuí, obrigados a recomeçarem.

Os índios e jesuítas possuíam uma aliança, visto que os jesuítas eram membros da Companhia de Jesus, que pretendiam catequizar os indígenas. Desse modo, os jesuítas eram vistos pelos indígenas como padres, que estavam ali para levar a cura, fazendo-se presentes no desenrolar da guerra.

As Missões tinham sido o exemplo histórico de ruptura da continuidade do domínio colonial na região e da construção de uma via alternativa, baseada na propriedade coletiva dos Povos, constituídos através das alianças entre as famílias extensas indígenas sob a orientação geral da Companhia de Jesus. (Golin, 2004, p.11)

Contudo, os indígenas se viram – ao longo do período de guerra, sozinhos. Lutando contra pessoas que possuíam um acervo melhor que o deles e que por vezes haviam aprendido suas técnicas. Sendo assim, foram torturados e despejados de seu próprio lar, realidade essa que infelizmente, se faz presente em nossa contemporaneidade.

Há uma tentativa de discurso de paz, no decorrer do discurso literário, mas a guerra é instaurada mediante a impossibilidade de um acordo.

A doce antiga paz. Se o rei de Espanha
Ao teu rei quer dar terras com mão larga
Que lhe dê Buenos Aires, e Correntes
E outras, que tem por estes vastos climas;
Porém não pode dar-lhes os nossos povos.
E inda no caso que pudesse dá-los,
Eu não sei se o teu rei sabe o que troca
Porém tenho receio que o não saiba.
Eu já vi a Colônia portuguesa
Na tenra idade dos primeiros anos,
Quando o meu velho pai cos nossos arcos
Às sitiadoras tropas castelhanas
Deu socorro, e mediu convosco as armas.

As coisas ficam ainda mais intensas no terceiro canto, quando o índio Sepé sugere que Cacambo incendeie o acampamento dos inimigos, criando assim um precedente para a intensificação dos conflitos. Sepé, traído, principalmente, pelo padre Balda, é destinado a morrer, obrigado a ingerir um licor envenenado. A feiticeira Tanajura ajuda Lindoia num ritual que acaba profetizando o Terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755, bem como o indesejável futuro que a leva

a buscar a morte por meio do suicídio, pois dentre os interesses de Balda, havia o planejamento de casar a índia com seu filho Baldetta.

Ressaltamos que, a morte de Lindóia acontece por sua determinação em renegar o casamento, que aconteceria por imposição do seu pai, suicidando-se por não conseguir aceitar relacionar-se com outro que não fosse seu amor, Cacambo. Prefere a morte a ter que se casar sem amor, antecipando uma atitude típica de uma heroína romântica. Refugia-se em um bosque e se deixa picar por uma serpente. Portanto, Lindóia é uma personagem indígena que traz os traços de uma heroína de uma nação que ainda estava sendo construída e que compõe, junto a outros personagens que são objeto dessa pesquisa, o mito da heroína nativa decidida, forte, que luta pelos valores em que acredita e a constituição corpórea-visual pela poética textual, se tornando objeto da paixão, do desejo e sendo construída, culturalmente, como metáfora da nação que estava ainda nascendo.

Ainda nesse século que se vive, há que se perceber os povos indígenas não apenas como homens do passado ou sem relações com o presente. Quando são identificados com traços diferentes das imagens canônicas reproduzidas há mais de um século, quase sempre se fala de aculturação, ou melhor, de que esses povos não são mais indígenas.

4. O URAGUAI

A obra *O Uruguai* caracteriza-se no gênero épico, sendo uma narrativa em versos, que apresenta um episódio heroico de um povo. Em sua estrutura épica temos: o narrador, o qual conta a história, a sucessão de acontecimentos dos personagens, em torno das quais giram os fatos; o tempo, o qual geralmente se apresenta no passado e no espaço, local onde se dá a ação dos personagens.

O poema tem como personagens, o capitão Gomes Freire de Andrade, o cacique Cacambo, chefe índio, o jesuíta Balda que é representado por um religioso pérfido que engravida uma indígena, que dá a luz a Baldeta. Balda almeja a morte de Cacambo e o envenena. Lindóia, esposa de Cacambo que foi estimulada pela feiticeira Tanajura a ter visões e vê Lisboa sendo destruída pelo terremoto e sua reconstrução tem como referência o Marquês de Pombal, entre outros.

Diferentemente do que ocorre em *Os Lusíadas*, o acréscimo de acontecimentos passados e futuros no poema *basiliano* não está desvinculado da narrativa nuclear, pois visa destacar os grupos em confronto, cujos papéis se distribuem de forma também inusitada na tradição épica.

Ao falar sobre a obra *O Uruguai*, Coutinho (p. 1329, 1995) aponta-o como um poema épico, escrito por José Basílio da Gama publicado em Lisboa, 1769, de conformidade com a poética do Arcadismo. Sendo composto de cinco cantos em versos brancos e estrofação livre, foge aos moldes camonianos.

Nesse poema, a cena mais bela do poema é a morte de Lindóia, que se suicida para não se casar com Baldeta, índio protegido de Balda.

Coutinho disserta sobre o último canto dizendo

No último canto encerra com a descrição do templo dos jesuítas nas Missões, a narração dos crimes da Companhia de Jesus e a vitória final com a prisão dos padres e a fuga dos índios. Embora esteja claro o intuito de louvor ao governo pombalino, não esconde o forte sentimento americanista contrário ao domínio do colonizador. Os grandes momentos e figuras pertencem aos índios – Cacambo, Sepé, Lindóia – e não ao europeu Andrade. A visão rousseuniana do selvagem, a inovação na tradição épica, a linguagem direta e sem artifícios conservam *O Uruguai* numa situação exemplar na linha de abasileiramento da literatura nacional (1995, p. 1329).

Ao continuar sobre a discussão de *O Uruguai* ser um texto épico, o autor Moisés salienta que:

a poesia épica gira em torno de assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos; deve prender-se a acontecimentos históricos, ocorridos há muito tempo, para que o lendário se forme ou/e permita que o poeta lhes acrescente com liberdade o produto de sua fantasia; o protagonista da ação há de ser um herói de superior força natural; o amor pode inserir-se na trama heróica, mas em forma de episódios isolados; e, sendo terno e magnânimo, completar harmonicamente as façanhas de guerra. Do ponto de vista da estrutura, o poema épico se desdobraria em três partes autônomas: a proposição, ou seja, o enunciado do tema da obra; a invocação, ou seja, o apelo aos deuses para que auxiliem o poeta na sua empreitada criadora; a narração, parte central e pelo herói; a narração deve obedecer a uma sequência lógica, entretanto, à ordem cronológica seria preferível a artificial, que surpreende a ação em meio (*in medias res*); o epílogo, fecho da ação, deve guardar um imprevisto, mas ser verossímil e coerente, além de conter um final feliz (1995, p. 184).

Para exemplificar a poesia épica de um texto épico apresenta-se um trecho de *O Uruguai*

Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chama abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta,

E temerária e venturosamente,
 Fiando a vida aos animosos braços,
 De um alto precipício às negras ondas
 Outra vez se lançou, e foi de um salto
 Ao fundo rio a visitar a areia.
 Debalde gritam, e debalde às margens
 Corre a gente apressada. Ele entanto
 Sacode as pernas e os nervosos braços;
 Rompe as escumas assoprando, e a um tempo,
 Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
 Via nas águas trêmulas a imagem
 Do arrebatado incêndio, e se alegrava.
 Não de outra sorte o cauteloso Ulisses,
 Vaidoso da ruína, que causara,
 Viu abrasar de Tróia os altos muros,
 E a perjura cidade envolta em fumo
 Encostar-se no chão, e pouco a pouco
 Desmaiar sobre as cinzas. Cresce entanto
 O incêndio furioso, e o irado vento
 Arrebata às mãos cheias vivas chamas,
 Que aqui e ali pela campina espalha.
 Comunica-se a um tempo ao largo campo
 A chama abrasadora, e em breve espaço
 Cerca as barracas da confusa gente
 (O *Uruguai*, p. 37-38).

No trecho acima evidencia-se o protagonista da ação como ser heroico de superior força natural ao completar harmonicamente as façanhas de guerra. A autora Soares apresenta o conceito de epopeia

narra uma longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso e de interesse nacional e social, ela apresenta, juntamente com todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa (como as canções de gesta medievais) ou em verso (como *Os Lusíadas*) (2007, p. 39).

Diante disso, é possível compreender que a epopeia é uma obra que além de conter fatos históricos, dando destaque a história do herói, invoca em seu interior a mitologia grega, como podemos ver na obra de Basílio da Gama, ao retratar a morte de Lindóia, p. 46:

O alheio crime e a voluntária morte.
 E por todas as partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.

Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros entenece
Tanto era bela no seu rosto a morte!
Indiferentemente admira o caso acerbo
Da estranha novidade ali trazido
O duro Balda; e os índios que se achavam,
Corre co' a vista e os ânimos observa.
Quando pode o temor! Secou-se a um tempo
Em mais de um rosto o pranto; e em mais de um peito
Morreram sufocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura,
E exposta às feras e às famintas aves,
Sem que alguém se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flores e piedosas terra.
Fastosa egípcia, que o maior triunfo
Temeste honrar do vencedor Latino,
Se desceste ainda livre ao escuro reino
Foi vaidosa talvez da imaginada
Bárbara pompa do real sepulcro.
Amável indiana, eu te prometo
Que em breve a iníqua pátria envolta em chamas
Te sirva de urna, e que misture e leve
A tua e a sua cinza o irado vento.

O trecho acima (já nos primeiros versos) exemplifica o momento em que o eu-lírico invoca a mitologia grega, referindo-se a Cleópatra, cujo mito diz que Cleópatra se suicidou por amor ao companheiro que havia morrido em guerra, sendo então picada por uma cobra. Revelando assim, a promessa feita a Lindóia de um sepulcro decente.

Desse modo, a obra *O Uruguai* é um texto épico por conter características como: a narrativa de um herói em que envolve acontecimentos históricos passados que são de interesse nacional e social.

5. Letramento literário

O conceito de letramento literário perpassa por um processo de envolvimento com a obra literária tomando para si os acontecimentos que ocorrem no poema, por exemplo. Nesse encadeamento é que surge o letramento literário como um processo de apropriação, de compreensão da literatura como linguagem.

Essa linguagem percorre a vida cotidiana e não podemos ignorar essas discussões de letramento literário do ambiente escolar.

Na prática pedagógica, o letramento literário pode ser efetivado de várias maneiras, mas há quatro características que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário (COSSON, 2006, p. 1).

As práticas pedagógicas assumem um lugar relevante, na perspectiva de proposição e construção de abordagens reflexivas e críticas que podem contribuir de forma transformadora no ensino dos discentes.

Temáticas como a proposição de leitura dos clássicos relacionando-os com o contexto histórico, não num viés anacrônico. Mas, sim, em uma contextualização transgressiva de discutir os pontos históricos que precisam ser recontados, em outras perspectivas.

Perspectivas essas, que foram ignoradas como o lugar de falar dos indígenas, que foram "expulsos" da sua terra, suas riquezas exploradas, roubadas, sua cultura foi ignorada pelos colonizadores. Foram escravizados e tiveram que ser "catequizados", no sentido de aceitarem a cultura dos portugueses.

Quantos anos de apagamento cultural dos povos originários? Na verdade, há séculos, o viés transgressivo permite olhar outras perspectivas que foram ignoradas.

Ter um olhar crítico sobre o contexto histórico permite a leitura de uma obra canônica observando os sujeitos sociais que estão presentes na narrativa.

Nessa perspectiva, entende-se que, a disputa territorial e o colonialismo representado na obra, ainda se faz presente nos dias de hoje, levando-nos à conclusão de que as discussões sobre esses assuntos precisam ser ampliadas para que cheguemos ao ambiente escolar, visto que, as cronologias apontadas no aludido poema se fazem extremamente atuais, ainda que a história dos

indígenas Caçambo e Lindoya em oposição ao jesuíta Balda sejam adaptadas à realidade brasileira do século XVIII.

Aílton Krenak (2020, p.10-11)), em seu livro para adiar o fim do mundo faz uma pergunta profunda, reflexiva que diz: “ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade?” E prossegue: “será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?”

Como resposta Krenak (2020) pontua

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida trazendo-a para essa luz incrível (Krenak, 2020, p. 11).

Uma literatura criada, inventada, de fingimento para justificar a imposição do seu modo de pensar, foi o que os colonizadores fizeram com os indígenas, o ludibriar no ato de se apossar das riquezas brasileiras além de inseri-los como escravos para trabalharem para eles. Desse modo, um povo livre passou a ser preso por conta do “descobrimento”, narrativa essa que aconteceu, livros de história têm sido revisados para inserir os outros olhares sobre essa história.

Considerações Finais

Portanto, o livro *O Uruguai*, de Basílio da Gama, aponta uma história de um período de guerra, revelando-nos traços ideológicos do autor que era jesuíta, mas em sua obra, exalta o português Marquês de Pombal que está na luta contra indígenas e jesuítas.

Dessa forma, a obra demarca os traços ideológicos (já mencionados e exemplificados), além de mostrar a disputa territorial, o colonialismo que ainda se faz presente nos dias de hoje, levando-nos à conclusão de que a discussões sobre essas temáticas precisam ser ampliadas para que cheguemos ao ambiente escolar, munidos de possibilidades críticas e reflexivas de debater sobre os impactos da colonização, e como os portugueses usurparam das riquezas e da terra que já era habitada pelos povos originários.

Apontar, as cronologias expressas no aludido poema se fazem extremamente atuais, ainda que a história dos indígenas Caçambo e Lindoya (em oposição ao jesuíta Balda) sejam adaptadas à realidade brasileira do século XVIII.

Debates e discussões pautadas em autores indígenas revelam que não existe uma história única, uma literatura única, mas uma pluralidade de sujeitos sociais que precisam ser valorizados e suas perspectivas cotidianas precisam ser lidas e aprendidas. A escola por ser um ambiente de multiplicidade de indivíduos, de trocas dialógicas precisa possibilitar esses debates como forma de contribuir para a constituição de sujeitos mais reflexivos e críticos.

Referências

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. Universidade Federal de Minas Gerais. Editora Ceale, 2006. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario> . Acesso em: 11 set. 2023.
- CHAVES, Vania Pinheiro. **O Uruguai e a fundação da literatura brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- ESCOLA, Brasil. **Sete povos das Missões**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/povos-das-missoes.htm> . Acesso em 09 de outubro de 2023.
- GAMA, José Basílio da. **O Uruguai**. São Paulo: Via Lettera, 2008.
- GOLIN, Tau. **A guerra guaranítica: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- KRENAK, Aílton. **O amanhã não está à venda**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.